

# O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA COMO A CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DA VALIDADE EPISTEMOLÓGICA DA ESCRITA DA HISTÓRIA: OBJEÇÕES DE EDWARD P. THOMPSON A LOUIS ALTHUSSER

Max Rodolfo Roque da Silva \*

André Gustavo Ferreira da Silva \*\*

## Introdução

O trabalho do historiador produz conhecimento? Se produz (condicional que já admite a produção), como se valida esse conhecimento? Tais questões nortearam este texto, cuja proposta consiste em uma apreciação das críticas do historiador inglês Edward Palmer Thompson ao filósofo francês Louis Althusser, a quem julgava ser determinista e idealista. Ao que se sabe, Althusser nunca respondeu a Thompson, mas as críticas deste àquele renderam reflexões diversas por parte de seus leitores contemporâneos e posteriores e motivaram conclusões, também diversas, a depender do grau de filiação a um pensador ou a outro.

O objeto de nossa análise é a resposta de Edward P. Thompson ao problema da validade epistemológica da escrita da história que, a nosso ver, foi provocada pelas reflexões de Louis Althusser. Para tanto, inicialmente, vamos situar o teor da polêmica, apontando algumas críticas dirigidas a ambos quanto às suas ideias no interior da tradição marxista; em seguida, tratar dos corolários das ideias de Althusser para a validade da pesquisa histórica; posteriormente, apresentar o método de investigação histórica proposto por Thompson; e, por fim, abordar o conceito de experiência, tal qual formulado pelo historiador inglês, como resposta ao problema esboçado pelo filósofo francês.

Marco inicial: a queixa de Thompson (2021, p. 21) contra Althusser.

Louis Althusser e seus numerosos seguidores desferiram um violento ataque ao “historicismo”. Os avanços do materialismo histórico, seu suposto “conhecimento”, estavam fundados – alegam – em um frágil e desgastado pilar epistemológico (o “empirismo”); quando Althusser o submeteu a um implacável interrogatório, esse pilar se abalou e se desmanchou no ar.

Notadamente, as críticas formuladas por Thompson vão de encontro a Althusser e a seus seguidores, sobretudo, e em um primeiro momento, aos professores B. Hindess e P. Q. Hirst, dois dos mais renomados althusserianos ingleses, responsáveis, em grande medida, pela difusão do marxismo

\* Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Educação pela mesma instituição.

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor associado da mesma instituição.

de viés estruturalista em seu país (MÜLLER, 2007). Com efeito, Thompson considerou que o estruturalismo althusseriano havia “reduzido a teoria comunista a uma ‘religião’, uma ideologia, via de regra desumanizante e, contraditoriamente, esvaziada de qualquer caráter revolucionário” (MÜLLER, 2007, p. 100), repercutindo, sobremaneira, no materialismo histórico e, por conseguinte, na própria validade do conhecimento produzido pela disciplina histórica.

Conforme o próprio Thompson (2021, p. 21):

E todo o empreendimento do materialismo histórico se desfez ao seu redor. Não apenas se revela que os homens nunca “fizeram a sua própria história” (sendo apenas *träger*, ou vetores, de determinações estruturais ulteriores) como também que o empreendimento do materialismo histórico – a obtenção do conhecimento histórico – tinha sido mal concebido desde o começo, já que a “verdadeira” história é incognoscível e não se pode afirmar que exista.

É em *A miséria da teoria*, publicado originalmente em 1978, que Thompson se debruça de modo bastante contundente ao que ele atribuiu ser um “planetário de erros” constituinte do pensamento de Althusser, considerando-o como o “Aristóteles do novo idealismo marxista”. Nesta obra, o historiador inglês se dedica a desvendar o que ele mesmo chamou de os “ogros de Althusser”, tomando-o como mote para uma crítica mais ampla ao que julgou ser um marxismo ortodoxo alinhado ao stalinismo. Segundo Martín (2014, p. 129), na obra em questão Thompson proferiu a “crítica althusseriana mais dura e violenta jamais lançada”. Ao observarmos as palavras do historiador, temos uma maior dimensão desta afirmação.

Há muito se tornou impossível politicamente a coabitação entre posições stalinistas e antistalinistas. Vejo com clareza agora, pelo exame do althusserianismo – e pela minha crítica implícita de outros marxismos correlatos – que já não podemos atribuir nenhum significado teórico à noção de uma tradição comum. Porque o fosso que se abriu não foi entre diferentes ênfases ao vocabulário de conceitos, entre uma dada analogia e uma dada categoria, mas sim entre modos de pensar idealista e materialista, entre o marxismo como um fechamento e como uma tradição, derivada de Marx, de pesquisa e crítica abertas (THOMPSON, 2021, p. 288).

Desse modo, Thompson (2021) afirmou categoricamente que se o althusserianismo fosse, então, o fim último do pensamento de Marx, jamais poderia, ele próprio, ser marxista. E não abriu mão do confronto mesmo reconhecendo uma certa desvantagem: “um historiador manifestamente autoincriminado por práticas empíricas – tentando oferecer correção episte-

mológica a um rigoroso filósofo parisiense” (THOMPSON, 2021, p. 25).

Os riscos sinalados por Thompson também recaem na escrita deste texto. Pois, a árdua tarefa de analisar as reflexões de um historiador sobre conceitos teóricos por ele sistematizados, em confronto com um filósofo, reconhecidamente rigoroso, nos coloca não apenas em desvantagem, mas, no lugar mesmo da ausência de qualquer proficiência.

### **E. P. Thompson e Louis Althusser: notas sobre a polêmica e preâmbulo da questão**

Segundo Martín (2014), o próprio Althusser havia feito sua autocrítica e suas teses não seriam mais as mesmas, sobretudo, quando da publicação da obra *Ler O Capital*. Todavia, recorda o autor, que, ainda assim, Thompson mostrou-se implacável: “Não há uma única frase de *A miséria da teoria* de que eu deseje me retratar” (2021, p. 300).

Notadamente numa linha de defesa a Althusser, Martín (2014, p. 130) afirma que Thompson apresentava em seus escritos uma “grosseira caricatura” sobre o filósofo francês, tendo, porém, “a decência intelectual de ler – equivocadamente – a Althusser, o que nem sempre ocorreu entre seus partidários, para os quais a autoridade de Thompson era suficiente para julgar e condenar a todo aquele” que se acusasse de althusseriano.

Ao que se sabe, Perry Anderson teria se oferecido para responder a Thompson, o que foi rejeitado por Althusser (MARTÍN, 2014). Tendo este, se limitado a reconhecer “o caráter excessivamente sumário (e, portanto, unilateral) dos poucos parágrafos dedicados à história no contexto polêmico de *Lire le Capital*” (ALTHUSSER, 1978 *apud* MARTÍN, 2014, p. 130). De acordo com Martín (2014), a prática teórica, cujo conceito Thompson teria atacado mais fortemente, já havia sido abandonada pelo próprio Althusser e, em 1978 – quando da publicação de *A miséria da teoria* –, seu melhor crítico seria ele próprio.

Eu vejo claro como o dia que isto que fiz há quinze anos foi fabricar uma pequena *justificação* bem francesa, baseada em um relacionamento muito nosso, nutrido de algumas referências (Cavaillès, Bachelard, Canguilhem, e por detrás deles um pouco da tradição Spinoza-Hegel), com a pretensão de o marxismo (o materialismo histórico) apresentar-se como ciência. O que se encontra finalmente (encontrava-se, pois desde então um mudei um pouco, na boa tradição de toda empresa filosófica como garantia e fiança (ALTHUSSER, 1993, p. 7 *apud* MARTÍN, 2014, p. 130).

Segundo Martín (2014, p. 132), Thompson não estaria de todo errado, mas apenas “se equivocava, não obstante, ao centrar a crítica naquilo que Althusser já havia rejeitado, impedindo, com isso, situar a polêmica, certamente neces-

sária, em um terreno real”. No entanto, vemos com certa cautela esta afirmação, pois compreendemos que Thompson se deteve aos aspectos nos quais ele pôde observar a persistência das formulações althusserianas no interior mesmo da tradição marxista britânica, notadamente quanto à questão do agir humano e do conhecimento histórico.

Noutra linha, e num tom abertamente crítico, Lima (2005), ao abordar algumas das mais significativas compreensões acerca das classes sociais dentro da tradição marxista – a despeito de conferir lugar de destaque a Althusser e Thompson –, aponta limitações que, ao seu ver, ambos pensadores apresentam em suas formulações.

O primeiro, referindo-se aos aparelhos ideológicos de Estado, abriu campo à crítica do conceito, influenciando a afirmação de Poulantzas segundo a qual, as lutas de classe não transcorrem no campo das estruturas, mas das práticas sociais; o segundo situando seu questionamento à noção leninista de classes sociais, recolocou o problema de relacionar o papel das estruturas e da ação dos indivíduos na determinação do contexto das situações históricas concretas (LIMA, 2005, p. 5).

De acordo com Lima (2005), embora ambos os pensadores tivessem atualizado, cada um ao seu modo, o conceito de classe social e, por isso mesmo, influenciado de modo bastante significativo novas abordagens a partir de suas (re)formulações, suas compreensões apresentam limites em decorrência mesmo dos problemas particulares em que se debruçaram. Assim, ancorando-se em outros analistas, afirma:

Marcelo Ridenti, a partir da análise de Perry Anderson, aponta precisamente os limites das obras desses dois pensadores, demonstrando como Althusser incorre numa abordagem estática da história – não chegando a explicar como a luta de classes, que interpreta como efeito das estruturas, poderiam transformá-las – enquanto Thompson, em sua solução simplificada da história, reduz o resultado das relações contraditórias entre as classes a mera soma de vontades individuais (LIMA, 2005, p. 5).

De acordo com esta perspectiva, tanto Althusser quanto Thompson haviam se equivocado; porém, de maneiras distintas, a saber: o primeiro, por ter identificado “experiência à mera ilusão, desconhecendo-a como parte integrante do real; o segundo por identificar experiência, discernimento e aprendizado, deixando de lado a mistificação em que muitas vezes se envolve essa experiência [...]” (RIDENTI, 1994, p. 52 *apud* LIMA, 2005, p. 6). Assim, enquanto que para Althusser a história seria “o processo sem um sujeito”, para Thomp-

son seria, então, o palco onde se daria a “prática humana autônoma”.

Daí que, Lima (2005), partilhando das ideias de outros comentadores, chama a atenção para a necessidade de articular os aspectos objetivos e subjetivos no processo histórico:

[...] as imposições do MP [modo de produção] das ações voluntárias humanas (de classe) para (re)produção, reforma ou eventual superação do capitalismo. O MP capitalista (implicando uma contradição entre FP [forças produtivas] e RP [relações de produção]), e as classes sociais que o constituem estão totalmente imbricados, não como dados estanques e pré-estabelecidos, mas como um dar-se em movimento (des)contínuo (RIDENTI, 1994, p. 52 *apud* LIMA, 2005, p. 6).

Cumprir lembrar que Thompson não esteve alheio a esta percepção, tendo em vista que sua definição de classe trabalhadora “era suficientemente ampla, para envolver tanto a dimensão ‘objetiva’ da classe quanto a ‘subjetiva’” (MATTOS, 2019, p. 125), o que pretendemos abordar um pouco melhor mais adiante.

### **Louis Althusser: a validade epistemológica do conhecimento acerca da história em cheque**

Argelino radicado em Paris, Louis Althusser foi membro do Partido Comunista Francês e aproximou-se do marxismo durante a II Guerra Mundial, vinculando-se, logo após este conflito, à Escola Normal Superior, onde concluiu seus estudos em filosofia. Dentre outras obras, publicou *A Favor de Marx e Ler o Capital*, em 1965, que serão os objetos principais da crítica de E. P. Thompson. Em 1970, lançou o *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

Incorporando elementos conceituais do estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure e da psicanálise freudiana e lacaniana, o filósofo francês especula, principalmente, sobre os conceitos de Estado, Reprodução e Ideologia – este último será aquele que mais destacaremos neste texto por estar mais diretamente relacionado com o aspecto que queremos abordar. Devido ao modo de acionamento do conceito de ideologia, o pensamento de Althusser abre as portas de um radical ceticismo quanto à possibilidade de validade epistemológica do conhecimento acerca da história.

De modo que, de acordo com Müller (2007), em suas formulações Althusser desconsidera a validade da história enquanto disciplina científica e, por isso mesmo, o conhecimento por ela produzido. Neste sentido, explicita o quanto Thompson se voltou veementemente contra esta perspectiva, refutando-a e acusando os seguidores de Althusser

[...] de pertencerem a uma *lumpen-intelligentsia* burguesa, presos mais a uma batalha intelectual travada entre eles próprios do que à luta contra o sistema capitalista que pretendiam sabotar: tal embate reduzir-se-ia a um exercício acadêmico incapaz de efetivar, na prática, qualquer projeto intelectual. Sua expectativa em *The Poverty...* é a de eliminar tal “sectarismo” em nome de um diálogo mais ativo e produtivo no interior do marxismo. Essa proposta se transforma em uma defesa da história como disciplina e da tradição de um pensamento marxista britânico como um todo (MÜLLER, 2007, p. 102).

Althusser (2008, p. 195) define ideologia como Reconhecimento (Reconnaissance) e Estranhamento (Méconnaissance) que, segundo ele, coincide ao modo como Marx apresentava o conceito n’*A ideologia Alemã* e como Lacan aplicava à noção freudiana de inconsciente. Por conseguinte, a ideologia, segundo o filósofo, pode ser entendida como a dinâmica de produção da identidade, enquanto o agregamento a um modo de subjetivação/assujeitamento que equivale ao modo de deslocamento em relação a outros modos de subjetivação/assujeitamento.

Neste sentido, a ideologia é também o simulacro correspondente a ideia que os indivíduos produzem pautados por sua realidade efetiva: “a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 77). Ou seja, é a ideologia que dá o suporte profundo a todo modo de representação produzido em sociedade, inclusive as representações inerentes às narrativas dos historiadores.

Desta forma, o pensador defende que “a ideologia não tem história” (ALTHUSSER, 1985, p. 75; 2008, p. 284) e explica que a ideologia tem que ser pensada enquanto atemporal. Nas palavras de Althusser, “a ideologia é eterna” (ALTHUSSER, 2008, p. 277). Todavia, por atemporal não significa transcendente à história vivida, ela deve ser pensada em modo similar à proposição freudiana segundo a qual o inconsciente é eterno, isto é, não tem história, que quer dizer: o inconsciente e a ideologia não estão à mercê da experiência vivida pelo indivíduo no fluxo de sua historicidade; pelo contrário, é a história do indivíduo que seria atravessada pelos vetores emanados tanto do inconsciente quanto da ideologia.

1. – só há prática através de e sob uma ideologia
  2. – só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito.
- A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos (ALTHUSSER, 1985, p. 93).

6. (BRANDÃO, 1993, p.116)

Neste sentido, e numa esfera mais ampla, é a história das sociedades que seriam atravessadas pelos vetores emanados da ideologia. E aqui está o que nos parece ser o ponto de tensão com E. P. Thompson. Pois, sendo a história vivida, registrada e documentada pelas coisas do mundo, o conjunto das coisas, ou seja, tudo que seja passível de ser documento para a investigação, para a escrita realizada pelo historiador, estaria condenado a uma certa condição de falseamento em relação ao fluxo no qual, realmente, a história se processa: o fluxo da ideologia.

Por conseguinte, temos que as coisas ascendidas à condição de documento e fonte para o historiador, e o suposto conhecimento produzido a partir de tais acervos, não corresponderia à realidade profunda sobre a qual se processaram. Neste sentido, documento, fontes e os conhecimentos históricos neles escorados seriam uma mera história das representações, uma história da superfície, esvaziando o suposto conhecimento histórico de validade em relação ao fluxo ou substrato sobre o qual, efetivamente, a história se processa.

Althusser sugere que a dinâmica real, por estar à mercê de vetores independentes aos modos de racionalização e elaboração do homem – também a investigação e a pesquisa acionando os registros desta dinâmica – não seria capaz de se aproximar dos vetores efetivos do real, posto que estariam como que condenados a uma certa “inconsciência”, isto é, não se dando ao conhecimento pelos estudos e investigações históricas posteriores.

Pois, assim como as evidências conscientemente elaboradas não expressam ou equivalem por completo à dinâmica do inconsciente, também as expressões produzidas pelo homem não dizem da dinâmica profunda da vida em sociedade. Isto é, do mesmo modo que a fotografia da matriarca em família expressando harmonia, afeto e unidade pode não dizer nada acerca da dinâmica dos afetos e desafetos, o documento produzido pelos sujeitos num dado período da história pode não estar dizendo nada sobre a dinâmica efetiva daquela sociedade.

Pois, sendo atemporal, a ideologia não é o substrato do qual se engendram coisas que correspondam efetivamente à contemporaneidade do objeto investigado. Ou seja, retomando o exemplo, a análise de uma fotografia de uma família patriarcal dos anos 1920 em comparação com a foto de uma família transgênero dos anos 2020 pode contar a história das interpelações que afetam os sujeitos no engendramento de sua identidade de gênero, mas não dizem da dinâmica que engendrou a ideologia que interpela os sujeitos.

### **A “lógica histórica”: Thompson e a defesa do fazer historiográfico**

De acordo com Martín (2014), ao observar *Ler o Capital e A favor de Marx*, Thompson tem razão em criticar Althusser

por menosprezar os dados provenientes da investigação empírica. No entanto, “Frente a isso, e como forma de combater qualquer extravagância intelectual, Thompson defende que ‘sejam as fontes as que comecem a dirigir’” (MARTÍN, 2014, p. 132); mas, ao fazer isso – argumenta o referido autor –, no seu combate a Althusser, Thompson estaria se aproximando do empirismo ao sustentar que:

O texto morto e inerte de sua evidência não é de forma alguma “inaudível”; ele tem uma clamorosa vitalidade própria; vozes clamam do passado, afirmando seus próprios significados, parecendo revelar seu próprio conhecimento de si mesmas como conhecimento (THOMPSON, 2021, p. 44).

Para o analista em questão, Thompson, estaria, deste modo, conferindo aos dados empíricos o estatuto de testemunho de um processo histórico real. Sendo assim, em sua visão, Thompson se equivoca, pois “o historiador não investiga sobre o passado senão sobre os resíduos duradouros do passado e, como sabe, nem todos esses resíduos – documentos ou fontes – são igualmente valiosos” (MARTÍN, 2014, p. 132). Todavia, o próprio Martín reconhece que Thompson tem pleno entendimento desta questão, pois os fatos não revelam nada espontaneamente, mas se, e somente se, lhes for feito “falar” mediante as perguntas formuladas pelo historiador (THOMPSON, 2021).

Neste particular, discordando da questão de os “resíduos” serem ou não “igualmente valiosas”, cumpre lembrar uma das mais importantes contribuições de E. P. Thompson no que diz respeito à produção do conhecimento histórico, assentada na perspectiva por ele denominada como a “história vista de baixo”: a questão das fontes. Conforme assinalou Peter Burke (1992, p. 13), ponto fundamental desta perspectiva foi a crítica à centralidade nos “registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivo”, tal como consagrado por Leopold von Ranke, expondo “as limitações deste tipo de documento” por expressarem o ponto de vista oficial, reclamando a necessidade de fundamentar a pesquisa histórica noutros tipos de fontes, recusando, ao menos nos moldes tradicionais, a valoração destas fontes em “mais valiosas ou menos valiosas”.

Prosseguindo em sua linha de defesa a Althusser e, consequentemente, de crítica a Thompson, Martín (2014) recorre às considerações de Thompson concernentes à “elasticidade” e possível “irregularidade” dos conceitos para questioná-lo sobre seu reconhecimento quanto ao necessário diálogo da teoria com as evidências empíricas. Sob nosso ponto de vista, o historiador se sai muito bem dessa armadilha quando diz que esse procedimento

[...] deixa impaciente alguns filósofos (e até sociólogos), que consideram que um conceito com tal elasticidade não é um conceito, e que uma regra só é uma regra se as evidências se conformarem a ela, e permanecerem em posição de sentido no mesmo lugar (THOMPSON, 2021, p. 83).

A preocupação de Thompson (2021) reside na crítica a redução de certos conceitos à meras “categorias estáticas, não-históricas” – conforme ocorrera com o conceito de classe social – posto que a história se constitui como um processo que só pode ser compreendido a partir do diálogo entre teoria e pesquisa empírica. Assim, sua perspectiva se fundamenta na noção de “história real”, “que se manifesta, primeiramente, por meio de fatos e evidências, ‘dotados de existência reais’, que por sua vez tornam-se cognoscíveis através dos ‘vigilantes métodos históricos’” (MARTINS, 2006, p. 121). Conforme as palavras do próprio Thompson (2012, p. 135), “a história real revelar-se-á somente depois de pesquisa muito árdua e não irá aparecer ao estalar de dedos esquemáticos”. Assim, para a realização da investigação histórica desenvolveu o que denominou de “lógica histórica”, definindo-a como um método de pesquisa “adequado a materiais históricos, projetado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação, etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (‘instâncias’, ‘ilustrações’)” (THOMPSON, 2021, p. 73).

Neste sentido, o historiador defende que os fatos e as evidências apenas se manifestam quando são interrogados por conceitos e hipóteses, constituindo, assim, o que denominou de “discurso histórico disciplinado”, o qual nada mais é do que um diálogo com as evidências:

[...] Este envolve um debate entre, de um lado, conceitos, ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, do outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses diante das evidências (o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou novas pesquisas para confirmar ou rejeitar as novas noções); a rejeição das hipóteses que têm êxito à luz desse engajamento (THOMPSON, 2021, p. 80).

Desta feita, cabe ao pesquisador fazer não apenas perguntas, mas novas perguntas à evidência histórica no sentido de confirmar ou até mesmo refutar as hipóteses que o direcionaram à mesma. Sendo assim, mediante a defesa do diálogo da teoria com as fontes, os pressupostos thompsonianos constituem-se como elementos fundamentais para o desvelamento de uma dada realidade histórica e social. E nisto reside a crítica ao teorismo de Althusser.

## **Experiência: a resposta thompsoniana ao problema da validade do conhecimento histórico**

Nascido em Oxford, aos 3 de fevereiro de 1924, Edward Palmer Thompson iniciou seus estudos na Universidade de Cambridge, onde, por influência de seu irmão mais velho, Frank, filiou-se ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB). Interrompeu seus estudos para lutar na Segunda Guerra Mundial, de cujo conflito carregou dentre as experiências mais dolorosas a morte de seu irmão – capturado e executado na Bulgária, em 1944. De volta à Inglaterra, formou-se em 1946. Dois anos depois, casou-se com Dorothy Thompson, com quem havia atuado na brigada de solidariedade na Iugoslávia, cujas importantes contribuições como renomada historiadora também seriam reconhecidas mais tarde.

Conforme definiu seu amigo Eric Hobsbawm (2012, p. 15), E. P. Thompson foi “historiador, socialista, poeta, ativista, orador, escritor – em seu tempo – da mais fina e polêmica prosa do século XX”. Além disso, também foi professor do que hoje denominamos educação de jovens e adultos, “num ramo universitário classificado como ‘extramuros’, ‘extracurricular’, porque dirigido a um público não acadêmico” (FORTES; NEGRO; FONTES, 2012, p. 23).

Em 1956, após as denúncias apresentadas contra Stalin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, rompeu com o PCGB. Juntamente com outros dissidentes do partido, constituiu um movimento que ficou conhecido como Nova Esquerda, que teve como principal veículo de divulgação de suas ideias a revista *New Reasoner* – que, posteriormente, após fusão com outra revista, viria a se chamar *New Left Review*.

No início da década de 1960, após anos de crise no interior da revista, assumiu a direção da publicação uma nova geração de intelectuais – dentre os quais despontava o nome do historiador Perry Anderson – com marcada influência do filósofo Louis Althusser, cuja maior consequência para o pensamento socialista talvez tenha sido “o predomínio do Eric Hobsbawm chamou de ‘atração geral pela teorização pura’ durante um período de mais de dez anos e com algumas repercussões até os dias de hoje” (FORTES; NEGRO; FONTES, 2012, p. 42).

De acordo com Bertucci, Faria Filho e Oliveira (2010, p. 16-17), Thompson, em *A formação da classe operária inglesa*, trouxe não apenas uma impactante tese sobre a classe operária da Inglaterra, mas, expressa na palavra *making* – “fazer-se” –, indicou a

[...] sua maneira de fazer pesquisa, seu método de trabalho: a busca de indícios de como pessoas fizeram-se e assim forjaram sua história enquanto indivíduos, que, vivendo em sociedade, formaram um

grupo com ideias e interesses comuns – uma classe”, enfatizando suas experiências no tempo e no espaço.

Sobremaneira, Thompson buscou se distanciar do que concebeu como sendo uma ortodoxia marxista e ampliar as possibilidades de interpretação dos fenômenos sociais, ressignificando conceitos bastante caros à teoria marxista, como o de classe social,

Não há categoria histórica que tenha sido mais incompreendida, atormentada, transfixada e desistoricizada do que a categoria de classe social, uma formação histórica autodefinidora que homens e mulheres elaboram a partir de sua própria experiência de luta, se viu reduzida a uma categoria estática, ou a um efeito de uma estrutura ulterior de que os homens não são os autores, mas os vetores (THOMPSON, 2021, p. 84).

Articulando, conforme dito anteriormente, determinações materiais e aspectos subjetivos, E. P. Thompson ofereceu uma significativa contribuição quanto ao entendimento do processo de constituição da consciência de classe, qual seja: uma análise propondo “a mediação sempre processual e/ou junção, sempre processual, das determinações de existência objetiva da classe (o ser social) e sua consciência social mediante a categoria ‘experiência’” (MATTOS, 2019, p. 54).

Para o historiador inglês, Althusser seria um dos grandes responsáveis por causar um certo mal-estar na historiografia vinculada à tradição marxista. Por isso mesmo, insistiu repetidas vezes na tese de que a classe social deve ser entendida como um fenômeno histórico, cuja ocorrência se dá no bojo das relações humanas, mediante as experiências em que vão se “autorreconhecendo como um grupo de interesses singulares” (BERTUCCI; FARIA FILHO; OLIVEIRA, 2010, p. 17).

Deste modo, ao explicitar sua compreensão a respeito da classe social, Thompson (2019, p. 10) nos revela uma das mais significativas contribuições de sua obra, qual seja: a valorização da experiência.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens, cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais.

De acordo com Mattos (2019, p. 85), através do conceito de experiência, Thompson buscou um “nexo entre o modo de produção e a consciência”. Isto, não negligenciando os

condicionantes estruturais, mas centralizando a experiência como mote para a crítica às teses provenientes de uma certa teoria marxista mais idealista e determinista – no interior da qual inscreve Althusser –, cujas formulações “seriam incapazes de apreender de que forma os homens ‘fazem sua própria história’, embora em condições que não são as por eles escolhidas” (MATTOS, 2019, p. 85). Tudo isto, na tentativa de demonstrar que:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos no âmbito dessa expressão – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que vivenciam suas situações e relações de produção determinadas como necessidades, interesses e antagonismos, e em seguida, “lidam” com essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (dois outros termos excluídos pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e então (frequentemente, mas nem sempre, mediante as estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 2021, p. 254).

Na visão de Thompson, a classe se constitui na medida mesma em que os indivíduos estabelecem uma identificação entre si e seus interesses, a partir das experiências por eles comungadas, fazendo-os agir em contraposição a interesses antagônicos aos seus. Deste modo, o historiador tenta ampliar o entendimento a respeito da classe social, conferindo-o uma roupagem que julgava ser diferente do que vinha sendo apresentado até então dentro da tradição marxista – sobretudo no tocante à influência de Althusser.

Exploramos, tanto na teoria como na prática, os conceitos de junção (como “necessidade”, “classe” e “determinação”), pelos quais, através do termo ausente, “experiência”, a estrutura é transmutada em processo, e o sujeito é reinserido na história. Ampliamos sobremaneira o conceito de classe, que os historiadores da tradição marxista empregam comumente – de maneira deliberada e não por uma “inocência” teórica – com flexibilidade e indeterminação desautorizadas tanto pelo *marxismo* como pela sociologia ortodoxa (THOMPSON, 2021, p. 262-263).

Deste modo, para o historiador, a identidade de classe é algo que se forja no processo de luta. Por isto, a experiência tem uma importância fundamental em sua obra, pois é a partir dela “que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos” (MARTINS, 2006, p. 117). Em suma, Thompson nos parece definir a experiência como o contraponto a ideia de interpelação pela ideologia (a ideologia não tem história). Por experiência em Thompson, temos, então, a

tentativa da revalidação do protagonismo do sujeito em detrimento ao “protagonismo” da estrutura, segundo o estruturalismo de Althusser (a história sem sujeito).

Assim, a partir de diferentes contradições econômicas e sociais e problemas, emergem novas experiências e esperanças, novos pensamentos e valores, que expressam as respostas humanas aos acontecimentos e às eventuais mudanças. Tais aspectos, que, segundo Thompson (1978, p. 200-201), seriam irrelevantes para Althusser, que nega a importância do “conteúdo de vida” (*stuff of life*) do “povo” (*ordinary people*) como material de investigação e desconsidera o “mundo real”, o qual via com desdém elitista. Ele desconsideraria, dessa forma, segundo Thompson, que uma pesquisa mais profunda pode revelar as complexidades dinâmicas da *experiência vivida* no movimento da história (MÜLLER, 2007, p. 103).

Desta feita, conforme vimos discutindo ao longo do texto, o objetivo de Thompson em *A miséria da teoria* é, a partir das críticas a Althusser, oferecer um caminho teórico-metodológico diferente, e mais adequado, do que vinha sendo feito até então no interior da tradição marxista no que diz respeito à produção do conhecimento histórico. Sem abandonar as influências da realidade objetiva sobre os indivíduos, o historiador inglês atacou severamente o que julgou ser um marxismo determinista e reducionista, tentando conferir às ações dos sujeitos (não do indivíduo ao modo liberal) um certo grau de autonomia. Para tanto, fez uso da experiência como elemento capaz de promover essa superação, pois fundante das ações dos sujeitos, bastando, por isso mesmo, o historiador estar atento a ela.

### Considerações Finais

Clio era uma das nove musas de Apolo, comumente associada à escrita, seja a escrita sobre mitos ou sobre épicos, o relato dos acontecimentos passados, lhe conferindo o status de “padroeira” da história. Contudo, Thompson nos ajuda a sinalar que a escrita da história não é tida mais no confortável lugar de relato do passado e que, a despeito do acionamento da escrita e da narrativa, necessita de padrões metodológicos dispensados a literatura: Clio não é a musa para a escrita proposta por Thompson. História não é literatura: conhecimento no âmbito da escrita da história não é apenas narrativa.

Buscamos até aqui apresentar alguns dos pontos constituintes das críticas de Edward P. Thompson a Louis Althusser, destacando o acionamento do conceito de experiência como elemento de superação do determinismo característico do estruturalismo marxista sob influência do filósofo francês e, por conseguinte, de validação do conhecimento histórico. Estamos cientes de que nossa discussão possui algumas limitações que, todavia, podem ser melhor compreendidas quando se leva em consideração a complexidade do exercício reflexivo aqui proposto.

Todavia, esperamos ter conseguido, de algum modo, elencar pontos interessantes em que o embate aqui explicitado se situa, tentando respeitar ambos os lados de enunciação. No entanto, e também temos ciência disto, para o leitor deve ter ficado clara nossa posição em favor de E. P. Thompson, reconhecendo-o como um historiador de primeira grandeza em sua teoria e método – sem deixar de mencionar, também, seu notável compromisso político contra as muitas formas de autoritarismo e ameaças aos valores humanos –, portador de um discurso forte, apaixonado e rigoroso.

Ainda assim, é bom dizer, que não se trata de fazer vista grossa aos possíveis limites constituintes da obra de E. P. Thompson, mas de enxergá-lo no que ele oferece de possibilidades para a construção do conhecimento histórico. Thompson tem algo a nos dizer e ensinar. É esse o ponto que nos interessa. Ao criticar o que julgou ser um viés teorista e determinista do pensamento de Althusser, Thompson valorizou a experiência humana na história. Daí se compreende sua perspectiva relacional de classe social, pensada como uma formação social que se funda no interior das relações humanas, refutando sua utilização como uma estrutura já dada, *um a priori*.

Thompson (re)põe o sujeito na história, valorizando-o enquanto “sujeito de ação” – ainda que relativamente autônoma –, distinguindo-o de um sujeito que age sempre em decorrência – ou somente a partir – de uma materialidade (sobretudo econômica). Todavia, não é um retorno à noção liberal de sujeito, o ser autoconsciente capaz de transcender às estruturas, mas, o sujeito enquanto o vivente no mundo social. Mundo que é constituído majoritariamente por trabalhadores, pessoas anônimas, esquecidos dos relatos oficiais, contudo, são por intermédio da experiência destes enquanto resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, aos acontecimentos de sua sociedade.

Por conseguinte, não é a qualquer sujeito que o historiador da classe operária inglesa lança seu olhar, mas aos relegados pela história oficial de então, aos sem voz e sem vez, aqueles desconsiderados por um historicismo universalista, totalizante. A Thompson interessa, noutras palavras, contar “a história vista de baixo” (2012). Com tudo isto, como dissemos anteriormente, não objetivamos tratar a Edward P. Thompson como formulador de teorias perfeitas, pois, conforme ele próprio já nos advertira: a “busca da segurança de uma teoria perfeita total é a heresia original contra o conhecimento” (THOMPSON, 2021, p. 255).

## Referências

ALTHUSSER, L. A filosofia como arma da revolução. In: **Posições** 2. Trad. Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980 - p. 151-165.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sobre reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERTUCCI, Liane Maria; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Edward P. Thompson: história e formação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio; FONTES, Paulo. Peculiaridades de E. P. Thompson. In: THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (Orgs.) 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. E. P. Thompson. In: THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.) 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

LIMA, Rodne de Oliveira. Sujeito e história: sobre o conceito de classes sociais. Mediações. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 125-140, jan.-jun. 2005.

MARTÍN, Pedro Benítez. Thompson versus Althusser. **Crítica Marxista**, n. 39, p. 129-239, 2014.

MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº 2(4), agosto-dezembro/2006, p. 113-126.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo, 2019.

\_\_\_\_\_. **E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2019.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. Revisitando E. P. Thompson e a “Miséria da teoria”. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 11, n. 1/n. 2, p. 97-136, 2007.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1: A árvore da liberdade. 10 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_. **A miséria da teoria e outros ensaios.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

A proposta deste artigo consiste em uma apreciação das críticas do historiador inglês Edward Palmer Thompson ao filósofo francês Louis Althusser, conforme expressas na obra *A miséria da teoria*. O objeto de nossa análise é a resposta de E. P. Thompson ao problema da validade epistemológica da escrita da história que foi provocada pelas reflexões de Louis Althusser. Neste sentido, nossa discussão se dará a partir dos seguintes movimentos: inicialmente, vamos situar o teor da polêmica, apontando algumas críticas dirigidas a ambos quanto às suas ideias no interior da tradição marxista; em seguida, tratar dos corolários das ideias de Althusser para a validade da pesquisa histórica; posteriormente, apresentar o método de investigação histórica proposto por Thompson; e, por fim, abordar o conceito de experiência, tal qual formulado pelo historiador inglês, como resposta ao problema esboçado pelo filósofo francês.

Thompson, Althusser, história, experiência.

The purpose of this article is to analyze the criticisms of the English historian Edward Palmer Thompson to the French philosopher Louis Althusser, expressed in *The Misery of Theory*. The object of our analysis is E. P. Thompson's answer to the problem of the epistemological validity of the writing of history that was provoked by the reflections of Louis Althusser. In this sense, our discussion will be based on the following movements: initially, we will situate the content of the polemic, pointing out some criticisms directed at both regarding their ideas within the Marxist tradition; then, to deal with the corollaries of Althusser's ideas for the validity of historical research; later, present the method of historical investigation proposed by Thompson; and, finally, to approach the concept of experience, as formulated by the English historian, as an answer to the problem outlined by the French philosopher.

Thompson, Althusser, history, experience.

## RESUMO

## PALAVRAS-CHAVE

## ABSTRACT

## KEYWORDS

---

### MAX RODOLFO ROQUE DA SILVA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9343-1114>

E-mail: [max.rodolfosilva@ufpe.br](mailto:max.rodolfosilva@ufpe.br)

### ANDRÉ GUSTAVO FERREIRA DA SILVA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9486-1052>

E-mail: [andreferreira@ufpe.br](mailto:andreferreira@ufpe.br)

RECEBIDO: 21.06.2022

ACEITO: 22.12.2022